

QUINTAIS URBANOS: ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO DOS MODOS DE VIDA TRADICIONAIS NA CIDADE DE BELÉM/PA, BRASIL

URBAN BACKYARDS: REPRODUCTION STRATEGIES OF TRADITIONAL WAYS OF LIFE IN THE CITY OF BELÉM/PA, BRAZIL.



AELTON DIAS COSTA³⁶

ELIANA TELES RODRIGUES³⁷

RITA DENIZE DE OLIVEIRA³⁸

Resumo

Os Quintais constituem-se em espaços estreitamente relacionados com a vida doméstica das famílias, geralmente localizados ao redor das residenciais, comportando funcionalidades e atividades variadas como encontros familiares, cultivo de jardins e hortas, criação de animais, rodas de conversas e brincadeiras. São importantes espaços de reprodução da vida. O artigo divide-se em duas seções, a) demonstrar o elemento do Quintal dentro da formação do espaço urbano amazônico e brasileiro, sendo introduzido como elemento do campesinato português metamorfoseado pelos Saberes/Fazeres Afro-Indígenas, constituindo-se em diversidade de paisagens bioculturais relacionadas à cotidianidade das famílias brasileiras e amazônicas, b) demonstrar as territorialidades dos cultivadores de Quintais, os quais fazem frente à lógica de urbanização e metropolização, tomando como exemplo experiências de Quintais na cidade de Belém/PA. Para a coleta de dados utilizou-se: entrevistas semiestruturadas e em caráter aberto aos moradores da cidade de Belém de janeiro a abril de 2021. Constatou-se a relevância dos Quintais estando presentes desde tempos imemoriais no cotidiano das famílias, sua importância para a subsistência nas cidades coloniais, sua importância para lutas urbanas de direito à cidade, segurança alimentar, de gênero e de autonomia dos povos.

Palavras-chave: Urbanização; territorialidade; diversidade biocultural.

Abstract

Backyards are spaces closely related to the domestic life of families, generally located around the residential ones, with various functions and activities such as family gatherings, gardening and vegetable gardens, animal breeding, conversations and games. Being important spaces of reproduction of life. The article is divided into two sections, a) to demonstrate the Quintal element within the formation of the Amazon and Brazilian urban space, being introduced as an element of the Portuguese peasantry metamorphosed by Afro-Indigenous Knowledge/Fazeres, constituting a diversity of biocultural landscapes related to the daily life of Brazilian and Amazonian families, b) demonstrate the territorialities of Quintais cultivators, who face the logic of urbanization and metropolization, taking as an example the

³⁶ Graduado em Geografia pela Faculdade de Geografia e Cartografia - FGC/UFPA. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação Cidades: Territórios e Identidades - PPGCITI/UFPA Campus Abaetetuba-PA, Bolsista FAPESPA/UFPA. E-mail: aeltondcosta@gmail.com.

³⁷ Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). É Professora Adjunto da Universidade Federal do Pará, campus Abaetetuba e docente pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades-PPGCITI/UFPA. E-mail: elianteles@yahoo.com.br.

³⁸ Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: ritadenize@ufpa.br.



experiences of Quintais in the city of Belém/PA. For data collection, we used semi-structured interviews and open to residents of the city of Belém from January to April 2021. It was found the relevance of backyards being present since time immemorial in the daily lives of families, their importance for subsistence in colonial cities, their importance for urban struggles for the right to the city, food security, gender and people's autonomy.

Keywords: Urban Backyards; territoriality; biocultural diversity.

Introdução

Os Quintais constituem-se em espaços estreitamente relacionados com a vida doméstica das famílias, geralmente localizados ao redor das residências, comportando funcionalidades e atividades variadas como encontros familiares, cultivo de jardins e hortas, criação de animais, rodas de conversas e brincadeiras. Sendo importantes espaços de reprodução da vida, tais espaços foram modificados ao longo da história das relações sociais, alterando e sendo alterados pelos diferentes contextos, constituindo-se neste sentido, como elementos tradicionalmente presentes na história da formação espacial amazônica e brasileira (TOURINHO; SILVA, 2016).

Os estudos em Quintais, sobretudo dos Quintais Urbanos, no Brasil e na Amazônia derivam das preocupações e críticas ambientais dos anos 1970, enxergando nesses espaços possibilidades de resoluções para os desequilíbrios climáticos e de degradação ambiental nas cidades, assim como possibilidade de resolução para a insegurança alimentar, desemprego e violência nas periferias urbanas através do desenvolvimento da chamada Agricultura Urbana e Periurbana (CARNEIRO; PEREIRA; SILVA, 2017; BEZERRA, 2014; MEDEIROS, 2015).

Nos Quintais Rurais, a perspectiva dos chamados Quintais Agroflorestais como cultivos milenares relacionados aos povos tradicionais, ganham destaque como experiências de sistemas produtivos capazes de oferecer uma melhor resiliência aos ambientes, sobretudo tropicais (FERNANDES; NAIR, 1986; GARROTE, 2004). Outro aspecto levado em consideração nos estudos em Quintais é a questão étnica dos saberes e fazeres tradicionais relacionados aos cultivos de espécies plantas, arbustos e arbóreas e seus usos alimentares, ornamentais, medicinais e sacramentais (FERREIRA et al, 2017; RANIERI; ZANIRATO, 2018; SILVA, 2016).

A prática de cultivo dos Quintais Agroflorestais em ambientes urbanos pode ser considerada como uma forma de reprodução da vida do campo nos espaços urbanos (AZEVEDO; PERXACS; ALIÓ; 2020; LUCCHESI; 2021). Para tanto, o estudo da formação espacial urbana é de fundamental importância para compreender o fenômeno dos Quintais Agroflorestais em cidades como Belém/PA.



O modelo civilizatório adotado pela modernidade colonizadora privilegiou os espaços urbanos em detrimento dos espaços rurais, tomando o primeiro como sinônimo de progresso, avanço e evolução, enquanto o segundo como regresso, atraso e involução. Esta dualidade é reflexo da separação da Sociedade e a Natureza, em que a Sociedade deve conhecer e dominar a Natureza assim como tudo que se associe a ela (QUIJANO, 2010). Os povos e comunidades tradicionais, por sua vez, apresentam outras formas de se relacionarem com à Natureza. Tais práticas, saberes e fazeres tornam-se hoje cada vez mais necessários para se pensar em outras formas de se viver a/na Cidade.

Foucault (2013) escreve acerca desses saberes, explicando conceitos de cada um deles segundo sua perspectiva. Um saber é o domínio que se exerce sobre diferentes objetos que podem assumir, ou não, um valor científico. Outro tipo de saber que o autor aponta é o ambiente tomado pelo sujeito para discursar acerca dos objetos que ele se ocupa em seu discurso. Um saber, também, é colocado como um campo dos enunciados, coordenados e subordinados entre si, em que os conceitos surgem, "se definem, se aplicam e se transformam" (FOUCAULT, 1986, p. 220). Por fim, o autor estabelece que o saber irá ser definido de acordo com as possibilidades de utilização e de apropriação que o discurso irá oferecer ao sujeito e, dentro desse saber, faz-se necessário o estudo das relações com mais aprofundamento, ir para além dos escritos (FOUCAULT, 1986).

Em relação às práticas, para Foucault (2013) tudo é prática e ela está mergulhada nas relações de poder e saber. Os discursos, segundo ele, são como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam" (FOUCAULT, 1986, p. 56). Sendo assim, textos, enunciados e o próprio ver e falar trata-se de práticas sociais que estão permanente ligadas à relação de poder que, conforme o seu tempo, história e espaço, serão sobrepostas e atualizadas (FOUCAULT, 2013).

Ademais, os fazeres são expostos por Foucault (1986) como os resultados dos dois conceitos expostos acima: saberes e práticas. É o que se deve fazer diante do contexto atual para acrescentar/mudar o modo de enxergar a realidade e agir para tentar mudar os problemas nela encontrados. É também, segundo o autor, entender as relações de saber/poder para entender como, e em que medida, pode-se criar ferramentas úteis para potencializar nosso pensamento e nossas práticas de escrita (FOUCAULT, 1986).

Este trabalho tem como objetivo apresentar as principais estratégias, ações e territorialidades relacionados aos modos de vida dos povos e comunidades tradicionais



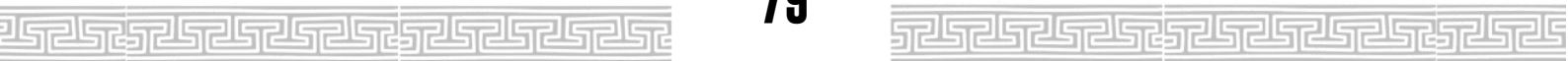
em espaços urbanos, sobretudo na cidade de Belém/PA, a partir da historiografia dos Quintais Urbanos. Para dar conta desse objetivo, realizou-se revisão de literatura e análise de documentos relacionados à temática, além de entrevistas com cultivadores de quintais na cidade de Belém.

O artigo divide-se em duas seções além da introdução das considerações finais. Na primeira procura-se demonstrar o elemento quintal dentro da formação do espaço urbano amazônico e brasileiro, o qual foi introduzido como elemento do campesinato português metamorfoseado pelos saberes/fazeres Afro-Indígenas, constituindo-se em diversidade de paisagens bioculturais relacionadas ao cotidiano das famílias brasileiras e amazônicas. Na segunda seção observa-se as dinâmicas de territorialidades presentes nos quintais, fazendo frente à lógica de urbanização e metropolização, tomando como exemplo a experiência dos Quintais na cidade de Belém/PA.

Material e método da pesquisa

Para atingir os objetivos propostos, foram selecionadas literaturas sobre a temática e 4 quintais de casas localizadas na ilha de Caratateua, área insular do município de Belém. Realizou-se entrevistas semiestruturadas e em caráter aberto, aplicadas pessoalmente aos entrevistados de janeiro a abril de 2021. Os quatro quintais foram classificados como Sítios, Quintais, Terreiros e Espaços de Cultura. A classificação levou em conta a autodenominação feita pelos cultivadores, que os nomearam como: a) Sítio da Natureza, b) Sítio de Marés, c) Quintal de Dona Maria e d) Biblioteca Tralhoto Leitor.

Figura 1 - Mapa de localização dos quintais onde as entrevistas foram coletadas.





Fonte: Dados de trabalho de campo, 2021.

O Quintal na formação espacial urbana amazônica e brasileira.

O termo “Quintal” origina-se de uma derivação das “Quintas Portuguesas” onde em pequenas propriedades reservava-se uma quinta parte do terreno para cultivos de frutíferas, hortas e criações (SILVA, 2004). Tal elemento da cultura europeia de fundamental importância para a subsistência das famílias, passou a compor os estabelecimentos habitacionais brasileiros como estratégias de subsistência, transplantando técnicas, saberes e espécies das culturas Afro-Indígenas (TOURINHO; SILVA, 2016).

Dourado (2014) ressalta o termo Quinta e Quintalão como próximos do termo Quintal, sendo o primeiro apreendido como chácaras e estabelecimentos rurais nos Açores indicando pomares de laranjeiras. O segundo é interpretado como grandes quintais/terrenos indicando terrenos cercados para atividades domésticas no Algarve. O autor apresenta então os quintais como elementos multifuncionais presentes nas habitações urbanas e rurais participantes da vida cotidiana das famílias. Conforme a acepção, o quintal pode “harmonizar as atividades relacionadas à manutenção da vida familiar, como o cultivo de espécies frutíferas, verduras e legumes, quanto às funções





derivadas do puro prazer, como o plantio de espécies ornamentais e flores” (DOURADO, 2014, p.86).

No entanto, segundo Almeida e Souza (2017), o elemento quintal está presente na história humana desde a formação dos primeiros assentamentos humanos, configurando-se como espaços ao redor das primeiras habitações onde ocorreu as primeiras domesticações de plantas e animais contribuindo para a primeira grande revolução agrícola, ocorrida no período neolítico. Os autores ainda ressaltam que o elemento Quintal pode ser encontrado em outras terminologias como os *homegardens* na literatura inglesa e os *pátios* na literatura hispânica.

Os quintais ganham diferentes nomenclaturas quando relacionados aos saberes populares e aos povos tradicionais como o termo “terreiro” em algumas regiões de Minas Gerais (PEREIRA, 2014), assim como na Amazônia. Nesta região, o termo apresenta-se como primeira figura da territorialidade ribeirinha, o “Sítio Ribeirinho”, o qual configura-se como elemento essencial para as comunidades. É de tal importância para a subsistência e reprodução do modo de vida ribeirinho que Loureiro (1992) apresenta-o como elemento chave do sistema roça-quintal-mata. Em seu estudo na comunidade de Ituqui na Amazônia, Adams, Murrieta e Sanches (2005) os descrevem com base em técnicas agroflorestais tradicionais, com a presença de *jirau* suspenso, cujos elementos servem de produção alimentar e contribuem para a segurança alimentar das famílias.

No período colonial, o modo de vida e a visão de mundo ocidental adentram as terras do continente desde então conhecido como América (TOURINHO; SILVA, 2016). Assim, a questão comunal sobre a posse da terra e a perspectiva europeia de quintal dividiu esse espaço em duas dimensões da vida social: a dimensão pública, externa, comum a todos e feito de forma extraordinária; a dimensão privada, íntima e doméstica, comum a poucos, feito de forma ordinária.

Tal pensamento influenciou na forma da divisão bem delimitada dos quintais na Europa. Cercados e bem delimitados, eram associados à vida privada das famílias, influenciando também na divisão social do trabalho (SAFFIOTI, 1976). Sendo o quintal espaço privado, caberia à mulher cultivá-los, pois estaria dentro da esfera doméstica, enquanto ao homem caberia os trabalhos públicos, fora da esfera doméstica. Essa divisão sexual do trabalho fez desvalorizar o trabalho doméstico e feminino, sobretudo a partir do século XVIII ao impor-lhe uma ideia de que o íntimo é vergonhoso e feio, precisa ser escondido e preservado (FOUCAULT, 1988).





O pensamento dual fez-se refletir na formação das casas urbanas no período colonial. Silva (2004) aponta a dualidade entre os quintais urbanos localizados nos fundos dos lotes e as fachadas das frentes das casas. Tal arquitetura demonstra a valorização e disputa pela saída às ruas e a característica doméstica, privada e íntima dos quintais, enquanto os quintais rurais se faziam como extensão da casa rodeando-a e ligando-a à produção agrícola. Nos argumentos de Dourado (2004), ao analisar o período colonial no Brasil, nota-se que o quintal, embora trazido pelos portugueses, sofreu influências indígenas e africanas; “nasceu simultaneamente com a casa e tornou-se parte inseparável dela”. Assim, o quintal apresentava dois tipos básicos em praticamente todas as regiões brasileiras. Na versão urbana, figurava sempre nos fundos, protegido no interior dos quarteirões. No modelo rural, envolvia geralmente a casa, criando um espaço de transição entre o edifício e as terras agricultáveis ou paisagens, nos arredores (DOURADO, 2004, p.86).

Da metamorfose cultural entre os europeus e os povos indígenas do Brasil, o elemento quintal destaca-se como importante instrumento de subsistência (TOURINHO; SILVA, 2016). Pode-se dizer que se constituiu como um dos poucos espaços da cidade onde podia-se circular os saberes, fazeres, religiosidades e práticas Afro-Indígenas, sobretudo pelas mulheres escravizadas, destinadas que eram ao trabalho doméstico.

Neste sentido, os quintais configuram-se em espaços de formação do que Toledo e Barrera-Bassols (2008) chamaram de Memória Biocultural. Os quintais são sistemas bioculturais complexos e sua dinâmica histórica revela espaços e territórios de resistência ao modelo homogeneizador e hegemônico dos modos de vida na modernidade (ALMEIDA; SOUZA, 2017).

Até o século XX o Brasil configurou-se um país eminentemente agrário e de expressão camponesa, tendo as cidades função de centros políticos de comando administrativo e comercial. Loureiro (1992) ressalta o caráter de ocupação na Amazônia colonial até a primeira metade do século XX, o qual se configurava pelo uso da terra através da posse, ou seja, o uso da terra raramente se dava pela propriedade privada tendo dessa forma o acesso livre aos povos e comunidades.

A partir do processo de restrição aos meios fundamentais para reprodução da vida, como a privatização da terra com cerceamento e expulsão dos povos camponeses impedindo os recém libertados do regime escravocrata de ocupar e reproduzir seus



modos de vida em terras produtivas (MARTINS, 2010), a dinâmica social brasileira passa a ser introduzida ao modelo de modernidade capitalista.

A grande virada da urbanização brasileira, no entanto virá com base na industrialização das cidades e da chamada Revolução Verde, ocorrida ao longo do século XX, que mecanizou o campo, provocando a intensificação da desigualdade e pobreza, forçando a migração para as grandes cidades, em busca da promessa por empregos e melhoria de vida (SANTOS, 1993), tal processo conduziu o fenômeno conhecido como Metropolização.

Em Belém/PA o processo de metropolização inicia-se com a construção da rodovia Belém-Brasília em 1966 e os projetos de agroenergético-mineradores empreendidos pelo governo federal na região em conjunto com empreendimentos privados, responsável pela migração de grupos do Centro-Sul e Nordeste do País e a migração regional, a qual consolidou o a metropolização da cidade da década de 1970 (TRINDADE, 2015).

O que se observa na formação das metrópoles como Belém é a importante presença de comunidades campesinas que procuram reproduzir seus modos de vida diante das condições materiais de existência. Loureiro (1992) ao discorrer sobre o sistema roça-quintal-mata revela as principais bases para a reprodução da vida de comunidades tradicionais da Amazônia, as quais são restringidas ao seu acesso, pois a mata, onde se coleta, caça e pesca é restringida pela degradação, poluição e desmatamento, enquanto que a roça é restringida pelo avanço do latifúndio e grilagem de terras, o quintal por sua vez, pode ser compreendido como uma das última figuras da territorialidade camponesa a resistir à modernização, ainda que também afetado, sobretudo na cidade pelo avanço da especulação imobiliária e adensamento urbano.

Compreende-se nesse caso, os quintais como um dos últimos refúgios dos saberes e fazeres tradicionais em espaços urbanos, sendo importantes pontos de partida para um giro decolonial na cidade, assim como patrimônios bioculturais multifuncionais que podem contribuir para outras lógicas de viver na/da Cidade.

Territorialidades dos cultivadores de Quintais da cidade de Belém-PA.

Como já mencionado anteriormente, o elemento do quintal, ao qual referimo-nos, trata-se de um sistema complexo de relações que se metamorfoseia diante dos contextos de estruturas, funções e usos, variando, portanto, de acordo com cada contexto situacional e o mundo da vida daqueles que cultivam tais espaços/lugares.



Holzer (2013), a partir de uma perspectiva fenomenológica, apoiado em Tuan (2011), Heidegger (1975) e Dardel (2011), correlaciona três conceitos ou essências espaciais, que ajudam nessa compreensão, que são: o mundo, o lugar e o território. O mundo corresponde a totalidade do experimentado humano, no qual cada indivíduo ao experimentar, produz o seu mundo particular e, portanto, sua geograficidade. O lugar corresponde aos mundos compartilhados e vividos, relacionando-os à individualidade e identidade, enquanto o território tem como essência a fronteira de alteridade. Nessa perspectiva, as microterritorialidades manifestas a partir da produção de lugaridades remetem ao conceito de quintal, compreendido como lugar/mundo compartilhado, que corresponde ao modo de ser-no-mundo daqueles que os cultivam.

A formação da cidade de Belém acompanha as transformações já dispostas na seção anterior, podendo ser dividida em três períodos (MOREIRA, 1966): a) Cidade Ribeirinha de 1616 até metade do século XIX; b) Expansão Continental, de metade do século XIX até meados do século XX, e c) Cidade Consolidada a partir de 1950. A quarta fase foi empregada por Trindade (1998) como Metropolização, iniciada na década de 1970 até os dias atuais. Nesta seção busca-se compreender como o elemento do quintal faz-se presente em cada período da cidade resistindo às metamorfoses do espaço.

As primeiras cidades da Amazônia foram fundadas pelos colonizadores ao longo das bacias às margens dos grandes rios, formando o tipo de ocupação que ficou conhecida como ocupação dendrítica (MOREIRA, 1966; GONÇALVES, 2017). A cidade de Belém possui relação especial com as águas, tendo o comércio e a vida social da cidade toda voltada para o rio, o que coaduna para que neste período a vida ribeirinha pulse nos arredores da cidade.

Nas casas portuguesas do primeiro núcleo ocupacional predominou-se a arquitetura colonial das fachadas construídas e os quintais ao fundo dos lotes (TOURINHO; SILVA, 2016), já nos arredores a arquitetura ribeirinha das palafitas tornava-se presente (MOREIRA, 1966). O sistema roça-quintal-mata fazia-se presente já que as trocas de mercadorias se davam através das drogas do sertão e produtos alimentícios como a farinha de mandioca, em troca de utensílios, combustível e outros objetos.

O extrativismo figurou predominante no período 'Cidade Ribeirinha'. Gomes (2018) ao discorrer sobre os ciclos extrativistas da economia amazônica revela a importância da mata nos séculos XVI, XVII e XVIII, através do levantamento dos



escritos dos principais viajantes naturalistas que narraram tais práticas. Conforme relatos daqueles viajantes, a economia extrativista das Drogas do Sertão promoveu e sustentou os aldeamentos das missões religiosas que homogeneizaram diferentes povos indígenas, produzindo assim uma massa sem nome e sem identidade, a qual se apelidou de “caboclos”. Tal grupo humano continuou a ocupar as terras, após a expulsão dos religiosos e fundação das vilas, consolidando, sobretudo em áreas de várzeas, o sistema já mencionado de roça-quintal-mata.

Nesse período a cidade de Belém tornou-se o principal ponto de saída dos produtos da floresta, expandindo-se em dois núcleos, a cidade e a campina (CRUZ, 1973), divididos pelo igarapé do Pirí. A partir de 1850, com o início da expansão continental da cidade e obras de aterramento dos igarapés (MOREIRA, 1966), principiou-se a descaracterização da cidade ribeirinha. Contudo, o elemento quintal na cidade de Belém, desde o período colonial ou da formação da cidade ribeirinha, consistiu-se em basicamente duas formas: o quintal ribeirinho e o quintal de influência lusitana.

Tourinho e Silva (2016) apresentam as modificações nas formas/funções dos quintais luso-brasileiros da cidade de Belém, tomando como as principais habitações urbanas as casas térreas, os sobrados e as chácaras. Silva (2014) ao analisar Cartas Régias do Brasil colonial, revela a importância dos quintais para a subsistência material e simbólica dos europeus recém-chegados. A fundação e arquitetura das cidades fundadas no período colonial, regidas e regulamentadas pela coroa portuguesa, apresentam os traços e características lusitanas provindas do continente europeu (REIS, 1978).

Em Belém, tal característica encontra-se fortemente marcada nas construções remanescentes do período colonial, a partir dos sobrados, casas térreas e chácaras. A arquitetura dessas construções distinguia a condição e posição social, sobretudo no que se diz respeito ao sobrado e a casa térrea. No sobrado, a parte superior, quase sempre de assoalho, alocava-se o patrão e proprietário, enquanto no térreo, de chão batido, alocava-se os escravos, os animais de tração, lojas e oficinas (TOURINHO; SILVA, 2016).

Outro espaço da casa que ficava no térreo, a cozinha, trabalhavam as mulheres escravizadas, as quais cultivavam os quintais com pequenas hortas e plantas medicinais. Relata Loureiro (2007) que, “o conhecimento dessas ervas foi, em grande parte, absorvido da cultura indígena e utilizado para cura durante longo tempo. Ainda hoje,



seu uso é comum em localidades em que o acesso a remédios e médicos não é fácil (p. 15).

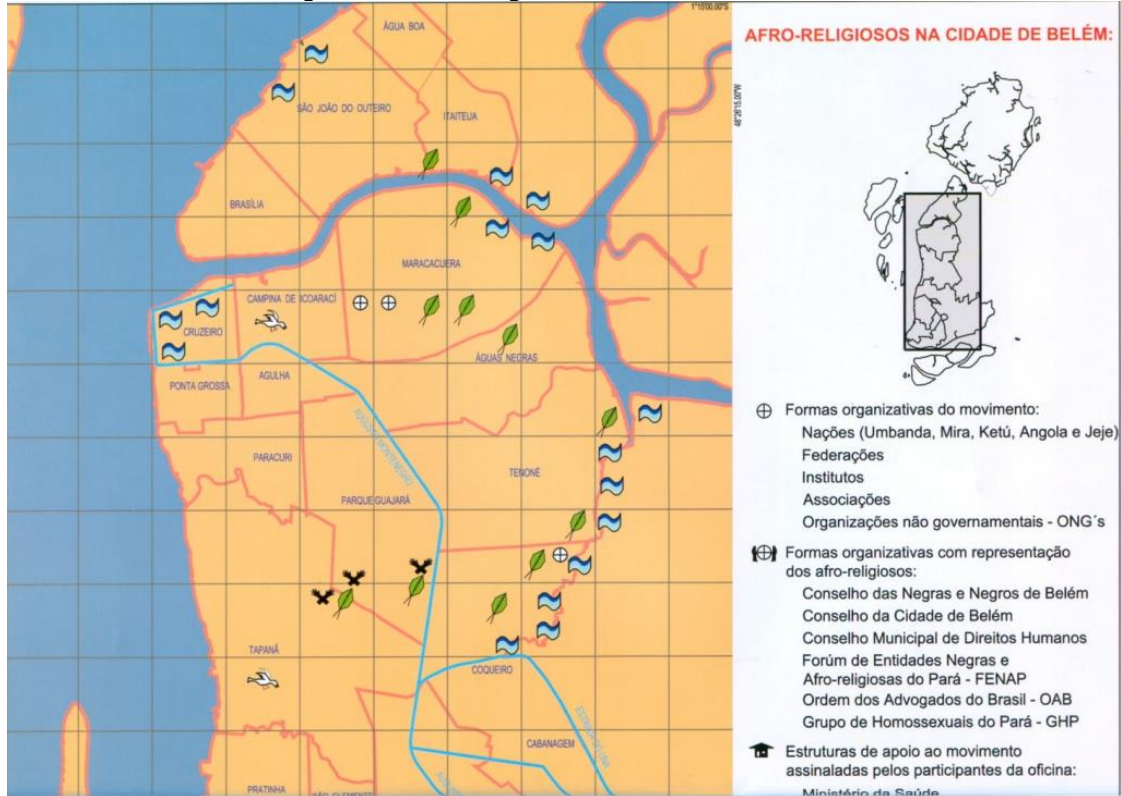
Para Reis (2015), os quintais, por estarem sempre associados ao trabalho doméstico e na relação com a natureza, constituíram-se em espaços/lugares de circulação de saberes e da resistência às violências interculturais e de gênero. Dessa forma, os quintais urbanos de expressão e caráter colonial de dominação, configuram-se como brechas no exercício do poder patriarcal e colonialista.

No sentido Foucaultiano do poder, os quintais podem ser observados como espaços heterotópicos pouco visíveis (FOUCAULT, 1995), porém, de fundamental importância para a reprodução da vida cotidiana das famílias, sobretudo no período colonial até o século XX. O processo de metropolização da cidade vem modificando essas funções e características desse espaço a partir do avanço da especulação imobiliária e do adensamento urbano (TOURINHO; SILVA, 2016; REIS, 2015).

Outra importante perspectiva de luta em quintais, diz respeito aos denominados terreiro e casas afro-religiosas, os quais apresentam no cultivo de ervas e plantas de cunho sagrado, o modo de ser-no-mundo de grupos étnicos marginalizados, que mantém suas territorialidades através de cultivos nesses espaços/lugares. Em Belém pode-se observar essas práticas, a partir do fascículo do projeto Nova Cartografia Social da Amazônia em parceria com o Instituto Nacional de Tradição e Cultura Afro-brasileira – INTECAB-PA. Tais práticas culturais formam uma territorialidade específica em rede na cidade, como pode ser observado nos mapas a seguir:

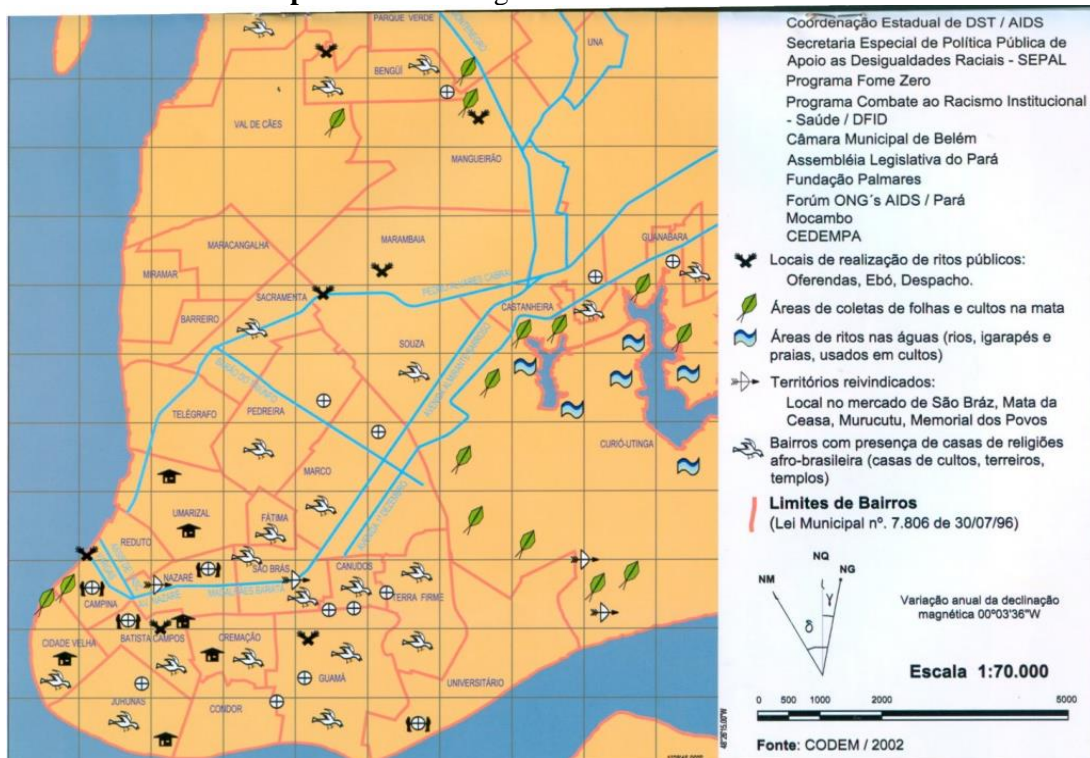


Mapa 01 - Afro Religiosos na cidade de Belém-PA



Fonte: INSTITUTO NACIONAL DA TRADIÇÃO E CULTURA AFRO-BRASILEIRA. Afro-religiosos na cidade de Belém 3. *Nova Cartografia Social da Amazônia*, Amazonas, 2017. p. 6. Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/download/03-afro-religiosos-na-cidade-de-belem/>. Acesso em: 30 nov. 2022.

Mapa 02 - Afro Religiosos na cidade de Belém-PA



Fonte: INSTITUTO NACIONAL DA TRADIÇÃO E CULTURA AFRO-BRASILEIRA. Afro-religiosos na cidade de Belém 3. *Nova Cartografia Social da Amazônia*, Amazonas, 2017. p. 7. Disponível em:



<http://novacartografiasocial.com.br/download/03-afro-religiosos-na-cidade-de-belem/>. Acesso em: 30 nov. 2022.

Os movimentos ambientalistas urbanos, bem como os movimentos agroecológicos, de luta pelo direito à cidade, cada vez mais têm tomado espaços como os quintais urbanos e outras modalidades de Agricultura Urbana como objeto de suas mobilizações. Assim, os quintais e a agricultura urbana têm se tornado instrumentos de luta pela autonomia dos Povos, Segurança Alimentar, Direito à Cidade. É nesse sentido que Almeida e Souza (2017) discutem a importância dos quintais enquanto verdadeiros patrimônios bioculturais que resistem, sobretudo no meio urbano, como espaços de convívio, troca e mantenedores da diversidade biológica e cultural, além de servirem como instrumento para a reprodução de modos de vida tradicionais nas cidades.

O estudo realizado por Madaleno (2002) na cidade de Belém, revela a formação metropolitana da cidade, tendo como importante fenômeno a migração de povos e comunidades provindos das zonas rurais, quase sempre expulsos de seus territórios e/ou incapacitados da reprodução de suas vidas devidos impactos nos ambientes locais ocasionados por projetos minero-metalúrgicos-energéticos e agropecuários. Na Amazônia, as populações migrantes para as cidades provêm predominantemente do Nordeste do país e de comunidades tradicionais como povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e outros. São esses agentes sociais que a autora ressalta como os principais promotores de uma agricultura urbana desde o centro até a periferia da cidade de Belém, a partir da modalidade dos quintais nos quais “predominam as árvores de fruto. Mesmo em áreas onde a mancha urbana é contínua como em São Brás” (MADALENO, 2002, p. 99).

Pode-se inferir que a agricultura realizada nos pequenos quintais urbanos na cidade de Belém no período de sua formação metropolitana, resulta de processos migratórios ocorridos durante a expansão urbana. Tal prática veio a contribuir para uma complexificação da diversidade biocultural nos quintais, como pode ser observado ainda no estudo de Madaleno (2002), desenvolvido nos meses de março, junho, julho e setembro de 1998. O estudo foi apoiado por duas missões financiadas pelo Programa Praxis XXI, do Ministério da Ciência e da tecnologia de Portugal e pela Fundação Calouste Gulbenkian e teve como método a observação participante.

O referido estudo mapeou 36 bairros da cidade, sendo inquirida 555 famílias, o que corresponde a 0,21% do total de famílias segundo censo IBGE 1996. Como resultado verificou-se que “uma a cada três famílias em Belém produzia vegetais ou

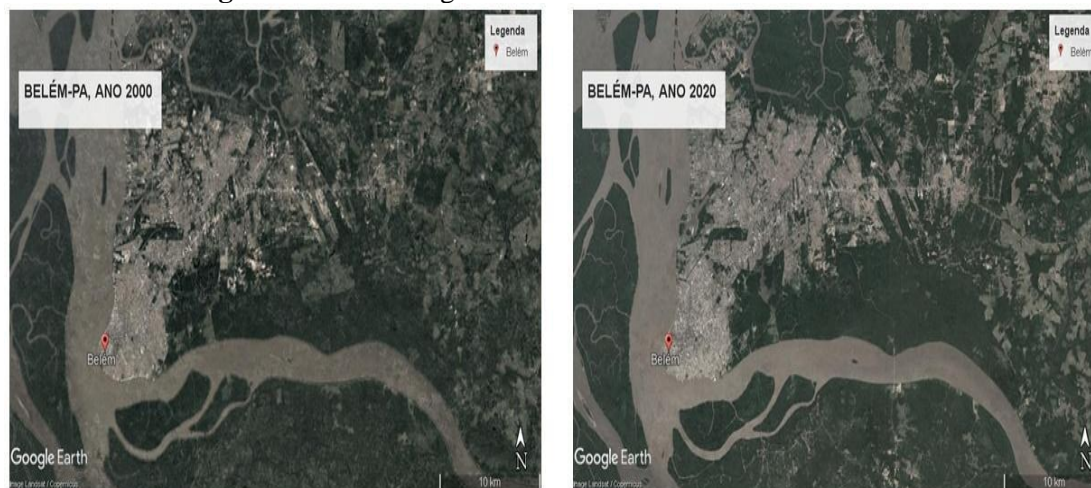




criava animais dentro da cidade, sendo que a esmagadora maioria cultivava terras diminutas, em regra compreendidas entre os 51 e os 500 m²". Em suma os quintais seriam "uma reserva de vitaminas, de produtos vegetais frescos, de plantas condimentares cultivadas sem recurso a adubos químicos ou a pesticidas e herbicidas", além de plantas medicinais com papel medicamentoso e ainda fonte proteica, por meio da criação de animais, aos quais se recorria em situação de escassez (MADALENO, 2002 p.106).

Dessa forma, pode-se observar o quintal como elemento fundamental para a subsistência do cidadão belenense na virada do século XX para XXI. Entretanto, durante as duas primeiras décadas do século XXI o adensamento urbano avançou consideravelmente como pode ser observado na carta imagem a seguir.

Figura 2 - Carta Imagem de Belém-PA dos anos 2000 e 2020.



Fonte: Elaboração do Autor, imagens Google Earth 2000-2020.

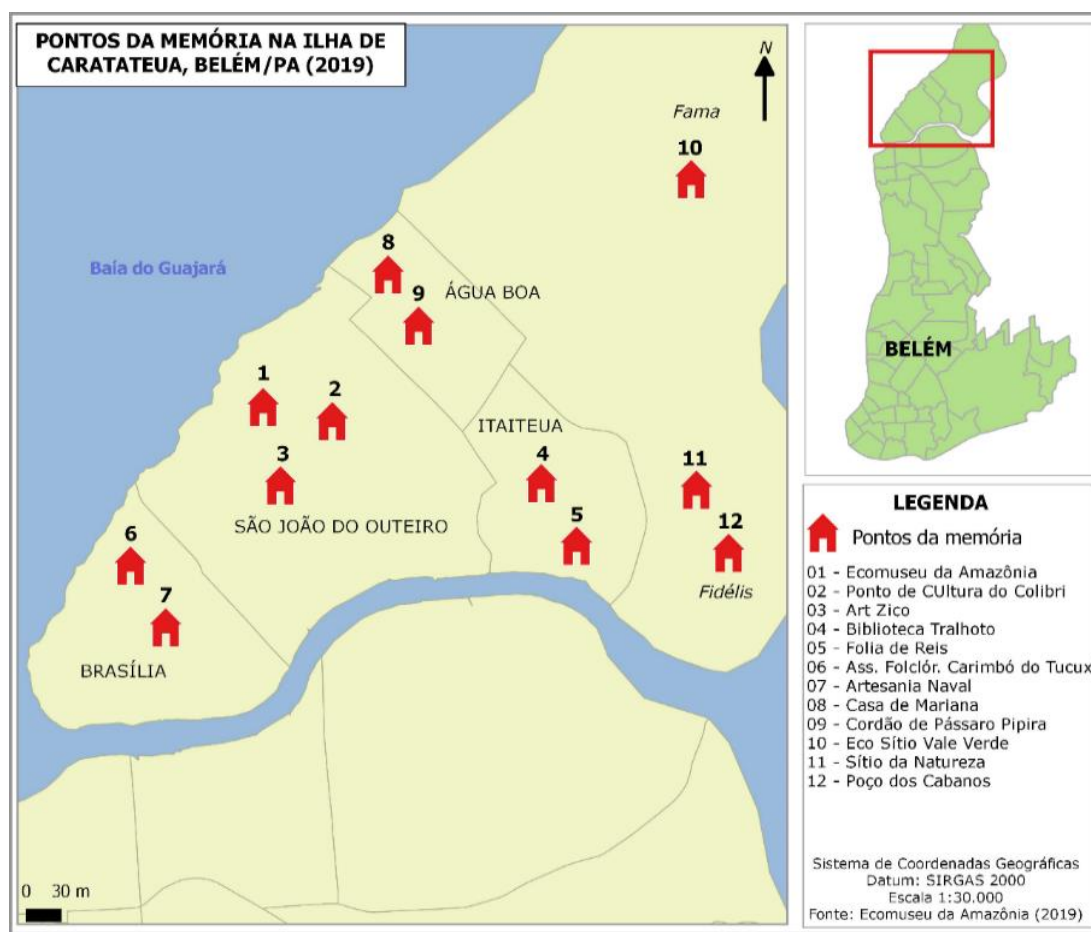
Contudo, a prática de agricultura em quintais urbanos vem sendo praticado em periferias distantes do centro urbano como enfatiza Honda, Gomes e Cabral (2016) em seu estudo dos quintais urbanos do Curuçambá no município de Ananindeua-PA, área metropolitana de Belém. Nessa mesma perspectiva, outros projetos têm sido retomados e revalorizados, como é o caso do projeto Quintais Produtivos Agroecológicos, coordenado pelo instituto Pobres Servos da Divina Providência em parceria com a Emater e a Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA. O projeto é desenvolvido no município de Marituba-PA, na região metropolitana de Belém e busca na produção de alimentos nos quintais, alternativa de combate à insegurança alimentar e nutricional, assim como produção de renda e o combate à violência urbana (SILVA, 2019). O projeto ainda busca desenvolver valores pautados nas práticas tradicionais resgatando a



relação do ser humano com os ciclos e leis da natureza, trazendo resultados terapêuticos de estilo de vida campesino dentro de um espaço compreendido como urbano e periurbano, reforçando a territorialidade campesina na cidade.

Na ilha de Caratateua, conhecida popularmente como Ilha de Outeiro, os quintais produtivos destacam-se por serem multifuncionais. Servem como pontos de cultura, por meio do projeto Ecomuseus da Amazônia, que em parceria com a Escola Bosque Eidorfe Moreira e o Projeto Roteiro Geo-Turístico – GEOTur da Universidade Federal do Pará-UFPA, elaboraram o primeiro roteiro Geo-Turístico da ilha dando destaque para os quintais como pontos de Cultura Popular (ALMEIDA; MARTINS, 2021).

Figura 3 - Mapa dos Quintais eco-poéticos da Ilha de Caratateua



Fonte: Elaborado pelo projeto Ecomuseu da Amazônia, 2019.

Os quintais das ilhas revelam uma sociobiodiversidade tradicionalmente passada de geração para geração que expressam territorialidades de diversos povos tradicionais da Amazônia. Outro aspecto de fundamental importância dos quintais na ilha Caratateua é o Museu “pequeno” ou “vivo” que carrega consigo a identidade social de seu povo, buscando organizar coleções com base em seus próprios critérios, revelando a tradição e









exposição dos usos sociais da vida cotidiana, pois expressa a historicidade da vida (ALMEIDA, 2017), tendo em vista o cultivo das plantas medicinais e ornamentais que guardam memórias e práticas milenares dos povos e comunidades tradicionais (COSTA et al 2021). Desse modo, poderíamos dizer que são verdadeiros patrimônios materiais e imateriais, além de contribuírem com a conservação do patrimônio genético pelo cultivo de mudas e sementes da Amazônia. Esses quintais conformam-se em espaços de reprodução da vida de grupos expropriados de seus territórios no campo, sendo instrumentos de resistência ao violento processo de modernização-colonizadora e da manutenção da existência de territorialidades teimosamente reproduzidas.

Ainda foi possível observar nos quintais da ilha de Carateteua diferentes territorialidades que se manifestam nos saberes tradicionais, a partir do cultivo de plantas medicinais, ornamentais e de cunho religioso, como pode ser observado no quadro esquemático a seguir.

Quadro 1 - Plantas cultivados nos Quintais e seus usos (Campo, 2021)

Utilidade	Plantas	Nome	Uso
Rituais e práticas religiosas		Alfazema (Lavandula angustifolia)	Banho de cabeça em crianças, é também remédio para gripes.
Remédios		Babosa (Aloe vera)	Hidratação de cabelo e expectorante



<p>Fins espirituais</p>		<p>Espada de São Jorge (Dracaena trifasciata) ca</p>	<p>Proteção</p>
<p>Ornamentais</p>		<p>Dama da noite (Cestrum nocturnum)</p>	<p>Ornamentação interna.</p>

Fonte: Trabalho de Campo, 2021.

Segundo Furlan et al (2017) algumas religiões como o candomblé, tem nas plantas cultivadas grande dependência para a realização dos procedimentos religiosos. As plantas são empregadas em banhos, defumações, ornamentação e facilitadores do estado de transe. Todas essas relações constituem esses espaços/lugares que contribuem para a formação de outras territorialidades. A ancestralidade nos saberes e fazeres tradicionais, presentes nos relatos de M Santos e R Sousa, quando relatam as experiências de vida e conhecimento transmitidos por meio da ancestralidade, como os saberes das ervas e práticas da pesca artesanal expressam territorialidades que transbordam os limites dos quintais.

(...) Eu sou pescadora e marisqueira, aprendi a pescar com meus pais lá em vigia... aqui a gente pesca sirí e camarão, quase toda manhã meu marido vai pescar, como nosso quintal dá de frente pro furo ele vai... a gente pesca só pra gente mesmo, e quando dá muito a gente divide né, mas tem gente aqui na ilha que pesca pra vender... tem muita gente que vive disso (relato R. SOUSA, 2022).

(...) minha mãe me ensinou a fazer os banhos, e também aprendi com outras mulheres, a gente troca as coisas, e no meio da conversa uma ensina pra outra... faço chá de erva doce, de





boldo, de cidreira e tudo eu tenho plantado, herdei da minha mãe esse gosto por planta, e eu me sinto bem quando estou no meio delas (relato M. SANTOS, 2021).

A tradição pesqueira de R. Sousa e a condição do quintal das propriedades que permite contato com os ambientes de Terra Firme e Várzea constituí identificação com as práticas de povos ribeirinhos e de agricultura como podemos observar em seu relato. “*Eu me considero agricultora familiar, pescadora e marisqueira, eu cultivo frutas trabalho na criação e pesco e cato na maré (...) meu marido vai pelo menos duas ou três vezes por semana pescar camarão*” (entrevista com R. SOUSA, 2021).

As territorialidades ribeirinhas, quilombolas, de pescadores artesanais e outras estão relacionadas aos quintais, sítios, terreiros e outras denominações atribuídas a esses espaços/lugares. A continuação de tradições como o cultivo de plantas medicinais, da pesca artesanal, da sacramentalidade na lida com as plantas de cunho religioso, dos encontros culturais e familiares, denota a tais espaços/lugares como importantes elementos da formação de lugaridades e territorialidades no cotidiano, contribuintes efetivos de sociobiodiversidade e agrobiodiversidade, sobretudo em espaços urbanizados.

Considerações finais

Diante do exposto, observa-se a importância de se desenvolver estudos em torno do elemento do quintal como modalidade de agricultura urbana vinculada aos saberes tradicionais presente no cotidiano familiar desde os primeiros assentamentos e aglomerações humanas. Demonstra-se ainda a importância do elemento quintal para a formação das primeiras cidades brasileiras, servindo como instrumento de subsistência por todo o período colonial.

Outra relevante questão dos quintais brasileiros e amazônicos são as mudanças nas funcionalidades e equipamentos presentes em tais espaços, metamorfoseando-se em diferentes contextos geográficos e temporalmente situacionais. Desse modo permitem encontros interculturais e a formação de paisagens bioculturais.

Na cidade de Belém a especulação imobiliária e o adensamento urbano vêm sufocando os quintais urbanos, modificando-os para espaços vazios, áreas de lazer, ou simplesmente área de serviços, destituindo-os de suas funcionalidades básicas de segurança alimentar e dos encontros familiares. No entanto, organizações, movimentos e redes de associados, embalados pelos discursos ambientalistas e pelas lutas de gênero



e da autonomia dos povos, vem organizando propostas outras de viver a/na cidade, a qual o quintal apresenta-se como elemento importante do cotidiano de tais agentes e é central para a constituição de seus modos de ser-no-mundo, além de garantir alimentos nutritivos e saudáveis de baixo custo, e a diversidade biológica animal e vegetal.

Data de Submissão: 10/09/2022

Data de Aceite: 04/11/2022

Referências

ADAMS, C; MURRIETA, R.S. S; SANCHES, R. A. Agricultura e alimentação em populações ribeirinhas das várzeas do Amazonas: novas perspectivas. **Rev. Amb & Soc**, 2005, 8, 1-23. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2005000100005>. Acesso em: 17 jun. 2022.

ALMEIDA, A. F; MARTINS, M. R. Boas práticas em educação museal: Roteiro de memória do Ecomuseu da Amazônia na ilha de Caratateua, Belém, Pará, Brasil. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 34, n. 54, p. 14-28, 2021.

ALMEIDA, A. W. B. de. A historicidade da vida contra a museificação: os museus e os mapas nos “centros de ciências e saberes”. In: ALMEIDA, A. W. B. de; OLIVEIRA, M. A (orgs.). **Museus indígenas e quilombolas: centro de ciências e saberes**. Manaus: UEA Edições/PNCSA, 2017. P. 47-80.

ALMEIDA, E. D; SOUZA, M. O. **Quintais como patrimônio biocultural | QUINTAIS: Memória, resistência e patrimônio biocultural**. In: ALMEIDA, E. D; SOUZA (org.). Belo Horizonte: Ed. UEMG, 2017, pp. 13-29.

AZEVEDO, F. F de; PERXACS, H; ALIÓ, M. À. Dimensão social da agricultura urbana e periurbana. **Mercator**, Fortaleza, v. 19, 2020.

BEZERRA, J. P. **O papel dos quintais urbanos na segurança alimentar, bem estar e conservação da biodiversidade**. 86 f., 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

CARNEIRO, M. B; PEREIRA, L. A. G; SILVA, M. S. N. Desenvolvimento da agricultura em quintais urbanos. **Revista Tocantinense de Geografia**, v. 6, n. 10, p. 113-133, 2017.

COSTA, A. D. et al. A atuação dos quintais produtivos como r-existências territoriais. **Revista Tocantinense de Geografia**, v. 10, n. 22, p. 181-201, 2021.

CRUZ, E. História de Belém. Belém: UFPA. **Coleção Amazônica. Série José Veríssimo**. 2 v. 1973. Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/89>. Acesso em: 19 dez. 2021.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011.

DOURADO, G. M. Vegetação e quintais da casa brasileira. **Paisagem e Ambiente**, n. 19, p. 83-101, 2004.



FERREIRA, L. B. et al. Etnobotânica das plantas medicinais cultivadas nos quintais do bairro de Algodual em Abaetetuba/PA. **Fitos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 220-372, 2017. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/19257/3.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 30 nov. 2022.

FERNANDES, E; NAIR, P. K. Uma avaliação da estrutura e função dos quintais tropicais. **Sistemas agrícolas**, v. 21, n. 4, pág. 279-310, 1986.

FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Tradução de Vera Porto Carrero. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-250.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FURLAN, M. R, et al. Reprodução de gênero no cuidado de quintal no Brasil. **Agroalimentaria**. v. 23, n. 45; jul./dez. 2017.

GARROTE, V. **Os quintais caiçaras, suas características sócio-ambientais e perspectivas para a comunidade do Saco do Mamanguá, Paraty (RJ)**. Dissertação (mestrado em Recursos Florestais) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

GOMES, C. V. A. Ciclos econômicos do extrativismo na Amazônia na visão dos viajantes naturalistas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 13, p. 129-146, 2018.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. **Teoria**. 5-6, p. 150-162, 1975.

HOLZER, W. **Sobre territórios e lugares**. Revista Cidades, v. 10, n. 17, 2013.

HONDA, Y. F; GOMES, S. C; CABRAL, E. R. Agricultura Familiar em área periurbana do Município de Ananindeua-PA: práticas e estratégias desenvolvidas. **Horizonte Científico**, v. 10, n. 1, 2016.

LOUREIRO, J. C. **Pelas entranhas de Olinda: um estudo sobre a formação dos quintais**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2007.

LOUREIRO, V. R. Amazônia: Estado, Homem, Natureza. **CEJUP (Coleção Amazônia)**, Belém, n 1, 1992.

LUCCHESI, B. M de D. Permanências rurais no espaço urbano: cidade, natureza e sociedade em São Paulo a partir dos quintais populares. In: **Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP**, v. 5, n. 9, p. 37-66, 2021.

MADALENO, I. M. **Cidade das Mangueiras: agricultura urbana em Belém do Pará**. Pará: FCG/FCT, 2002.

MARTINS, J. S. **O cativo da terra**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.



MEDEIROS, N. S de. **Quintais urbanos e a situação de (in) segurança alimentar de famílias beneficiárias do programa bolsa família, no município de Viçosa, Minas Gerais.** Dissertação (mestrado em Agroecologia) – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2015.

MOREIRA, E. **Belém e sua expressão geográfica.** Belém: Imprensa Universitária/UFPA, 1966. 174p. Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/88> . Acesso em: 12 dez. 2021.

PEREIRA, E. A. D. **As encruzilhadas das territorialidades ribeirinhas: Transformações no exercício espacial do poder em comunidades ribeirinhas da Amazônia Tocantina Paraense.** Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Amazônia: encruzilhada civilizatória: tensões territoriais em curso.** Rio de Janeiro (RJ): Contexto, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. *In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). Epistemologias do Sul.* São Paulo: Cortez, 2010, pp 73-118.

RANIERI, G. R; ZANIRATO, S. H. Conhecimento etnobotânico como patrimônio: os quintais urbanos nas pequenas cidades do Vale Histórico Paulista. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 49, 2018.

REIS FILHO, N. G. **Quadro da arquitetura no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 1978.

REIS, W. C. F. O quintal e suas múltiplas funções na configuração urbana. *In: Simposio internacional Dinâmica Territorial e Desenvolvimento Socioambiental*, UCSA, Salvador-BA, 2015.

SAFFIOTI, H. I. B. **A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade.** Petrópolis: Vozes, 1976.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira.** São Paulo: Editora HUCITEC, 1993.

SILVA, E. G da; PARAENSE, L. R. C; GUIMARÃES, R. R da C; SOUZA, A C de; RAYOL, B P. Dinâmica dos quintais agroflorestais na comunidade de Santa Luzia do Induá, Capitão Poço-Pará. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, 2016.

SILVA, L. O. Os quintais e a morada brasileira. *In: Cadernos de arquitetura e urbanismo*, v. 11, n. 12, 2004.

SILVA, J. R. S da. **Caracterização socioeconômica e ambiental de quintais urbanos em Marituba, Estado do Pará.** 2019. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agronomia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Belém, PA, 2019.

TOLEDO, V. M; BARRERA-BASSOLS, N. **Memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais.** Editorial Icaria, 2008.

TOURINHO, H. L. Z; SILVA, M. G. A da. Quintais urbanos: funções e papéis na casa brasileira e amazônica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 11, p. 633-651, 2016.

TRINDADE JÚNIOR, S. C da. Assentamentos urbanos e reestruturação metropolitana: o caso de Belém. **GEOUSP Espaço e Tempo**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 39-52, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.1999.123318>. Acesso em: 13 dez. 2021.

TRINDADE JÚNIOR, S. C da. Grandes projetos, urbanização do território e metropolização na Amazônia. **Terra Livre**, v. 1, n. 26, p. 177-194, 2015.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, Niterói, v. 01, n.01, p. 4-12, 2011.

